

## PLATAFORMAS E DESLOCAMENTOS: ADAPTAÇÕES PARA PESQUISAR MASCULINIDADES EM TEMPOS DE PANDEMIA

*PLATFORMS AND DISPLACEMENTS: ADAPTATION FOR MALE RESEARCH IN PANDEMIC TIMES*

**Ítalo Augusto de Castro** / FAV-UFG-PPGACV

**Carla Luzia de Abreu** / FAV-UFG-PPGACV

---

### RESUMO

O presente artigo parte de uma pesquisa de mestrado que pretende investigar o que é “ser menino” dentro do contexto da escola e como certas práticas ajudam a perpetuar a cultura machista para além da sala de aula. Neste texto, descrevemos a forma como foi pensada inicialmente a estrutura da pesquisa e como ocorreram as adaptações no projeto necessárias para se adequar às novas condições impostas pela pandemia do novo coronavírus. As discussões se dão por meio das contribuições teóricas dos estudos da Cultura Visual, dos estudos de Gênero, de Masculinidades e das Pedagogias Críticas e, as reflexões aqui apresentadas, dialogam com as inquietações do momento e refletem sobre a necessidade de adaptações no projeto, para que a viagem de fazer a pesquisa de mestrado possa continuar em movimento.

### PALAVRAS-CHAVE

Masculinidades; Cultura Visual; Educação; Youtube.

### ABSTRACT

*This article is a part of a master's research that aims to investigate what it means to be a “boy” within the context of the school and how certain practices help to perpetuate the macho culture beyond the classroom. In this text, we describe how the research structure was initially thought and how the necessary adaptations to the project occurred to the new conditions imposed by the new coronavirus pandemic. The discussions take place through the theoretical contributions of studies of Visual Culture, studies of Gender, Masculinities and Critical Pedagogies and, the reflections presented here, dialogue concerns and reflect on the need for adaptations in the project, so that the traveling to do master's research can continue on the move.*

### KEYWORDS

*Masculinities; Visual Culture; Education; Youtube.*

## Sobre a plataforma

De acordo com o dicionário, plataforma é: substantivo feminino “1. superfície plana e horizontal, mais alta que a área circundante; 2. programa político, ideológico ou administrativo de candidato a cargo eletivo; 3. nas estradas de ferro, área cujo piso fica à altura da entrada dos vagões, para facilitar embarque e desembarque; vagão sem bordos, para transportar cargas”. Neste texto, plataforma é utilizada como uma metáfora para ilustrar locais de deslocamentos ou momentos de espera, onde os trânsitos podem ser observados.

A viagem entre as plataformas descreve as fases da pesquisa e é, portanto, sensorial. Foi a forma como organizamos a estrutura da dissertação e, neste texto apresentamos as plataformas iniciais desta viagem, que ainda está em fase de construção. São nelas onde ocorrem os intercâmbios e onde as experiências se dão por meio do olhar e do cruzamento de percepções coletivas e pessoais. Nas plataformas, espaço e tempo constituem elementos ativos nas formas como percebemos a pesquisa e cujos processos transformam a maneira como produzimos a subjetividade e, também, o tipo de subjetividade que está sendo produzida.

A metáfora da plataforma descreve os processos da pesquisa e traz consigo outras sensações que estão conectadas, como: a aventura, o desconhecido, a exploração, o desafio, a surpresa, os vazios, as fissuras e a estranheza ante o desconhecido. A plataforma também é o local onde as temáticas se entrecruzam e onde os corpos teóricos desembarcam e nós embarcamos, tanto em leituras e articulações, como em novos trânsitos e possibilidades de redesenho das formas como pensamos o projeto.

A plataforma, longe de ser um local de vigilância, controle e punição, em termos foucaultianos (FOUCAULT, 1999), está mais para uma estrutura rizomática, nos moldes apresentados por Deleuze e Guatarri (1995, p. 14), uma organização que não está feita de unidades, “mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele [o rizoma] não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda”. Assim, a plataforma é o lugar onde queremos compreender as ramificações e as possibilidades de caminhos para repensar as práticas culturais assentadas em valores e construções que vão sendo reavaliadas, ajustadas e atualizadas ao longo do tempo.

Em um período turbulento e em um contexto emergencial de embates políticos, em que a própria produção acadêmica é questionada e colocada contra a parede, chegamos na plataforma inicial onde embarcamos para a viagem de fazer esta pesquisa. Nela, buscamos (re)pensar a construção da identidade masculina e as práticas socioculturais e subjetivas que interferem nesse processo e colaboram para

a manutenção e reprodução da masculinidade hegemônica e da cultura machista. O intuito é compreender os processos simbólicos do olhar que julga e vigia, identifica e exclui corpos e comportamentos que não se enquadram nas premissas de um modelo utópico de masculinidade, baseado em um único modo de ser “homem”.

Como recorte para estudar essa temática, definimos a escola como a principal plataforma de coleta de dados, mais precisamente, uma escola regular do sistema privado, localizada na região Sudoeste da cidade de Goiânia e que atende à população do bairro e do entorno próximo, de renda média baixa e baixa, oferecendo todas as séries da Educação Básica<sup>1</sup>.

A escola foi definida como principal fonte de coleta de dados por ser um espaço onde muitas das aprendizagens sociais são aprendidas e reafirmadas. Não precisamos de cálculos complexos para verificar quanto tempo entre a infância e a juventude passamos na escola, e o quanto nossas experiências nesses espaços foram capazes de moldar o que é denominado como “adequado” dentro de um sistema de comportamentos sociais. A escola é um dos principais locais onde aprendemos a “controlar” as emoções e onde nos é ensinado, empiricamente a ser homem e mulher, associando comportamentos e atitudes dentro da lógica binária<sup>2</sup>. Também é na escola que aprendemos diversos códigos e comportamentos sociais, como apontam Junior, Caetano e Goulart:

As crianças são educadas pelos adultos a partir das normas dos gêneros inteligíveis. Ou seja, os comportamentos, os gostos, as características de desenvolvimento são reforçadas direta ou indiretamente no cotidiano, inclusive nas salas de aula (JUNIOR; CAETANO; GOULART, 2010, p. 99)

Entre o controle e a produção de conhecimento coletivo, a escola também está incumbida da tarefa de “vigiar” os comportamentos sociais, associando-se aos núcleos familiares que também exercem o papel de enquadrar e silenciar as práticas que não se adequam aos papéis tradicionais de gênero. Porém, como afirma a pesquisadora Guacira Lopes Louro (2003, p. 16), ainda que sejam tomadas todas as preocupações, não há como impedir que alguns (sujeitos) se atrevam a subverter as normas.

Enquanto professores/pesquisadores(a), este espaço é um terreno fértil de reflexões e debates e também o lugar onde temos a oportunidade de despertar o alunado para romper com o olhar homogeneizador e, ainda, realizar uma autoavaliação de nossas práticas pedagógicas. Neste sentido, a pesquisa busca refletir sobre as formas como as práticas simbólicas que definem e discriminam comportamentos e identidades sociais entram e são naturalizadas no contexto escolar, por meio de

vários dispositivos que implementam uma política de controle sobre as subjetividades, os corpos, os desejos e as expectativas sobre o “tipo” de homem que os jovens têm como modelo de representação e aspiração.

Em suma, as plataformas nesta pesquisa são os lugares onde iremos construir os cruzamentos e os locais para identificar as possíveis articulações rizomáticas que ajudam a desenvolver a pesquisa. A plataforma de origem foi onde estipulamos quais seriam as contribuições para cimentar as reflexões. Nela, definimos os estudos da Cultura Visual, os estudos de Gênero, de Masculinidades e as Pedagogias Críticas como repertórios teóricos que orientam os processos.

Os embalos da viagem proporcionados pelos diálogos com os estudos da Cultura Visual auxiliam nas reflexões sobre como as imagens, os sistemas de representações e os produtos culturais mediam a relação do sujeito com o mundo e seus cotidianos, ajudam a examinar as práticas de subjetividade e a construção de significados em torno das visualidades e como estas influenciam nos processos de elaboração das identidades. Nesse sentido, nesta pesquisa os produtos culturais são entendidos como mediadores dos processos de aprendizagem quando a compreensão e a atribuição de sentidos são instituídas para explicar os fenômenos cotidianos, como afirma o pesquisador espanhol Fernando Hernández:

A expressão cultura visual refere-se a uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar. (...) do movimento cultural que orienta a reflexão e as práticas relacionadas a maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me às maneiras subjetivas e intrasubjetivas de ver o mundo e a si mesmo (HERNÁNDEZ, 2007, p. 22).

Por sua vez, as pedagogias críticas na plataforma são pensadas, sobretudo, a partir das contribuições de Paulo Freire, Henry Giroux e Deborah Britzman. Essa perspectiva de pensar a educação defende a ideia de que os(as) estudantes têm a habilidade de pensar criticamente e fazer conexões entre suas experiências e o contexto social em que estão inseridos(as). Giroux (2010) descreve a pedagogia crítica como um movimento “guiado por paixão e princípio, para ajudar estudantes a desenvolverem consciência de liberdade, reconhecer tendências autoritárias, e conectar o conhecimento ao poder e à habilidade de tornar atitudes construtivas” (2010, p. 298)<sup>3</sup>.

Aprender a pesquisar em movimento, trafegar pelas plataformas, significa estar vulnerável aos atravessamentos de discursos de poder, mas, também, de práticas de subjetividade que fogem ou rompem com a masculinidade hegemônica, buscando

processos subjetivos e alternativos que descrevem melhor as formas como diversos homens vivem suas próprias masculinidades, de forma plural, mas também de modo singular<sup>4</sup>. Assim, dentro da mala para a viagem desta pesquisa, os estudos de Gênero e de Masculinidades ajudam a pensar nos processos que influenciam na construção da identidade masculina e de seus corpos e refletir sobre como os padrões, as práticas sociais e os produtos culturais influenciam nos processos de subjetivação dos sujeitos.

Esses marcos teóricos são os alicerces conceituais pelos quais a pesquisa analisará os dados que serão coletados por meio da observação, rodas de conversa, entrevistas individuais, diários de campo, imagens fotográficas e narrativas produzidas na escola.

A intenção desta viagem é construir compreensões críticas sobre o sistema de representações e como a escola participa para reforçar ou negar os padrões identitários. A partir disso, a pergunta que guia nossas ações se centra em questionar como o contexto escolar contribui para construir os significados em torno do que significa ser homem e como ela colabora para perpetuar e atualizar a cultura do machismo. Nos interessa pesquisar a escola e como a convivência social neste lugar, ajuda a construir uma ideia de masculinidade que muitas vezes se apresenta desatualizada em relação à pluralidade de subjetividades que habitam os muros das escolas.

## **Deslocamentos**

Nos processos de estabelecer o percurso da viagem da pesquisa e traçar as plataformas que iremos embarcar e desembarcar, alguns obstáculos já se mostraram materializados. Nesse momento em que a insegurança bateu à porta, nos sentimos órfãos e solitários na plataforma de origem, tal qual o protagonista do livro *A invenção de Hugro Cabret*<sup>5</sup>. A sensação foi de paralisia e imobilidade, não só pelas dificuldades impostas pela pandemia da Covid-19, mas também mediante as dificuldades de estudar as construções de gênero no contexto atual do Brasil, especialmente nas escolas.

Para vencer esse desafio, o caminho encontrado foi um reposicionamento metodológico e também substituir as incertezas pela ideia de aventura, afinal, a viagem pelas plataformas também implica em surpresas e a descoberta de novas ramificações. Assim, em função da pandemia da Covid-19, os encontros “cara-a-cara”, pensados como estratégia inicial de coleta de dados, assumiram outra dimensão e

foram substituídos por formas de contato não presenciais, via as ferramentas digitais e as plataformas na internet. Essa estratégia permite uma maior flexibilidade em relação ao tempo dos sujeitos e se mostra como um modo eficaz para desenvolver a pesquisa de campo neste período em que nos é exigido um distanciamento corporal.

Continuamos com os mesmos repertórios teóricos escolhidos para cimentar reflexões e, também, mantivemos a perspectiva da investigação qualitativa, baseada nos métodos da pesquisa narrativa, entendida como “uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, a transformação de práticas e cenário socioeducativos” (ESTEBAN, 2010, p. 127). A abordagem narrativa coloca em destaque as subjetividades dos sujeitos interlocutores que compartilham as plataformas da pesquisa, dando a conhecer, a partir de seus relatos, as experiências que muitas vezes passam despercebidas no cotidiano das escolas.

A plataforma onde desenvolveremos o trabalho de campo, lugar onde nos encontramos neste momento, exigiu criar uma estratégia para nos esquivar das dificuldades impostas pelo momento delicado que vivenciamos. Assim, planejamos outras formas de contato para recuperar os relatos biográficos significativos dos colaboradores da pesquisa e que nos ajudem a elaborar novas significações sobre a temática que move a viagem da pesquisa: a construção de masculinidades no contexto escolar e como algumas práticas, aprendidas e compartilhadas nas escolas, ajudam a alimentar a cultura do machismo.

Apesar de resignificarmos o que seriam os encontros cara-a-cara com os sujeitos da pesquisa – compostas por estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio de uma escola periférica da cidade de Goiânia -, reconhecemos como fundamental a necessidade das narrativas se darem em primeira pessoa, pois, entendemos ser essa a melhor maneira de nos aproximarmos do mundo social desses sujeitos e dos significados que transpassam os discursos que limitam outras formas de viver as masculinidades e como certas aprendizagens que se dão no convívio da escola, ajudam a alimentar comportamentos e ideias machistas.

As narrativas em primeira pessoa oferecem a oportunidade de narrar a partir de como se deseja que os outros lhe percebam, criando espaços de visibilidade e dando a conhecer fatos, valores e fragmentos que formam parte importante das vidas dos sujeitos que aceitaram participar desta pesquisa. Para coletar os depoimentos, estamos neste momento organizando dois grupos de discussão, separados por faixa etária. Os encontros com os grupos se darão através de plataformas de videochamadas e, posteriormente, planejamos encontros individuais para detalhar

informações ou expandir algumas ideias que ajudem a pensar as questões da pesquisa.

As ferramentas digitais nos processos de coleta de dados, também serão úteis para que os sujeitos apresentem as visualidades que formam parte de seus repertórios imagéticos, pois, como recorte específico, estipulamos a rede *Youtube* como local para pensar as imagens, buscando conhecer quais são os vídeos/canais/conteúdos mais assistidos pelos sujeitos da pesquisa e que transpassam as formas como eles criam os significados sobre o sentido de ser homem e/ou vivenciar sua masculinidade. Também estaremos atentos aos vídeos apontados por eles que passam a ideia de práticas machistas e a mensagem de uma masculinidade homogênea.

A plataforma *Youtube* é amplamente usada pelos jovens e, seus vídeos, podem ser pensados como mediadores de representações identitárias, um contexto potente para a experimentação de práticas pedagógicas que problematizam as formas como são construídos valores e comportamentos, baseados no poder dos discursos sociais. Mas, os vídeos que circulam pelo *Youtube* também dão a conhecer outras formas de posicionamentos. É essa pluralidade de possibilidades visuais que nos incentivou a fazer este recorte para pensar como as visualidades afetam a construção das identidades dos colaboradores da pesquisa.

Consideramos que as ferramentas digitais nos processos de Ensino em Arte, local desde onde trabalhamos a temática da pesquisa, cria oportunidades de experimentar estratégias pedagógicas que potencializam as experiências e buscam uma aproximação com as práticas de subjetividade cotidiana dos sujeitos. Buscar a pluralidade de propostas nos processos de ensino de Arte deriva do fato de que o que chamamos de arte diluiu-se na contemporaneidade, com a ajuda de múltiplos estímulos visuais. Portanto, em um mundo de ampla proliferação visual, mediatizada globalmente, a maneira de entender nossa posição no mundo é fortemente influenciada pelas narrativas visuais. Assim sendo, é importante considerar que “quando olhamos (e produzimos) as manifestações que formam parte da Cultura Visual não estamos apenas olhando o mundo, mas sim às pessoas e suas representações” (HERNÁNDEZ, 2005, p. 29).

As práticas pedagógicas desde os estudos da Cultura Visual incentivam investigar a procedência das imagens, bem como as funções pelas quais foram criadas, para descortinar os discursos sociais e identificar as hierarquias e diferenças que estão presentes nessas visualidades e, assim, descobrir problemáticas que estão associadas às visualidades, como pontua Hernández:

Problemas como a relação dos jovens com os novos saberes e com a criação de novas expressões de subjetividade (por meio, por exemplo, dos espaços na internet, ou de sua relação com as imagens); também com novos valores estéticos e de relação com a realidade (como os que se derivam da possibilidade de acesso, análise, apropriação, transformação, criação, reprodução de imagens, sons e estratégias de apresentação). Formas de relação às quais se tem acesso não apenas como passatempo, mas mediante a imersão em indústrias culturais às quais muitos jovens procuram e das quais fazem parte, mas que não são levadas em conta pelos docentes, planejadores e responsáveis pelas políticas educativas. Campos que ficam excluídos do currículo ou que se fazem presentes nas salas de aula de maneira anedótica e ocasionais (2007, p. 36).

Trabalhar os vídeos na rede Youtube possibilitará ampliar as discussões sobre as masculinidades, procurando estabelecer pontes com as construções e socializações que se dão no contexto escolar. Isso pressupõe pensar as visualidades como pontes para pensar modos de ver e ser visto e, como estratégia pedagógica, tem o objetivo de gerar discussões que auxiliem os estudantes a pensar além da repetição. A educação desde os estudos da Cultura Visual, nessa direção, pode ser considerada como uma forma para analisar a vida cotidiana, “a partir da relação dos indivíduos com as imagens/representações, mediante as quais os meios de comunicação e consumo mostram parcelas da realidade e de si mesmos” (HERNÁNDEZ, 2005, p. 23).

Nessa direção, incorporar os vídeos que circulam no Youtube como uma estratégia de aproximação dos repertórios visuais dos estudantes que participam desta pesquisa servirá para fomentar discussões que se relacionam com as representações identitárias e as inquietações que surgem da cultura machista, especialmente aquelas que se articulam com os modelos binários de identidade, como apresenta o professor Belidson Dias:

Uma prática de educação da cultura visual que destaque as representações visuais do cotidiano, de gênero e sexualidade, é uma experiência pedagógica significativa porque fornece uma miríade de oportunidades para cingir e adotar uma visão diversa da cultura, que não somente resiste acriticamente às representações visuais, mas incentiva a visão crítica como uma prática que desenvolva a imaginação, a consciência social e um sentido de justiça (2011, p. 83).

O desafio para a análise dos dados será, principalmente, traduzir como as visualidades afetam a construção das identidades dos estudantes colaboradores da pesquisa e traçar relações/conexões entre imagem e texto, pois, segundo a professora Teresa Eça:

As imagens funcionam como metáforas visuais apelando para a compreensão dos seus contextos, não devem ser vistas como verdades, mas devem ser analisadas como despoletadoras de interpretações a partir das quais podemos criar categorias conceptuais como imagem e narrativa (PARSONS, 2007). Elas são espaços de confronto (DIDI-HUBERMAN, 2004) como portadoras e criadoras de significado. São narrativas culturais que podem funcionar como ferramenta pedagógica (SLATTERY, 2003; DANIEL, 2003; SMITH-SHANK, 1993), ajudando-nos a compreender outras formas de ser e de estar. Tratar essas imagens como evidência exige toda a nossa perícia em educação, artes e pesquisa analisando-as como discursos que transmitem experiências e sentimentos e que reflectem também as nossas experiências e sentimentos (EÇA, 2013, p. 16).

Assim, os vídeos circulantes na rede Youtube serão utilizados para identificar os discursos invisibilizados em sua elaboração e serão ferramentas importantes para interpretar e compreender quais significados atribuem ao masculino. Também será solicitado aos estudantes colaboradores que mostrem imagens da escola que, de alguma forma, suscitem sentimentos velados, subjetividades escondidas, fatos que podem se relacionar com a construção de masculinidade e/ou manter relação com comportamentos machistas, que adquirem ares de naturalização no contexto escolar.

Para incentivar as discussões com os grupos que estão sendo formados, apresentaremos uma imagem de cunho pessoal, em que o pesquisador que está à frente desta pesquisa, Ítalo Augusto, se mostra vulnerável. Trata-se de uma fotografia dos “espetáculos” de fim de ano, em uma escola. Para o protagonista da imagem, o papel de “joaninha” era apenas uma representação, mas, para os demais, era a representação do “garoto gay vestido de joaninha”.

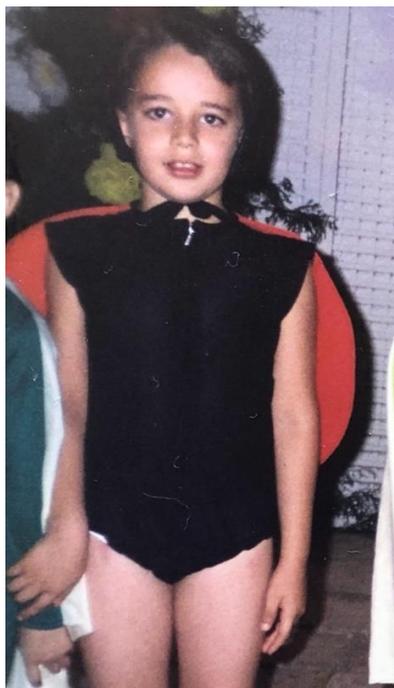


Figura 1. Ítalo Augusto. Fonte: álbum de família.

### **Novos contextos**

As últimas eleições presidenciais deram ascensão a um governo conservador e o Brasil tornou-se palco de lutas e retrocessos políticos. Desde que o Ministério da Saúde<sup>6</sup> confirmou o primeiro caso de coronavírus, em São Paulo, no dia 26 de fevereiro de 2020, o sistema educacional mudou drasticamente e as escolas e os profissionais da educação tiveram que recriar em pouco tempo novas metodologias para manter o ensino funcionando. As escolas e parte das instituições de ensino superior tiveram que se adaptar a um tipo de ensino que não se configura como EaD, mas sim, um Ensino Remoto Emergencial.

Dentro deste contexto, as experiências vivenciadas nas primeiras plataformas desta pesquisa indicou que a negociação será a principal interlocutora para nos deslocarmos para as próximas plataformas. Isso porque as dificuldades de comunicação que sempre fizeram parte do contexto educacional, se tornaram ainda maiores, visto o desafio de ensinar jovens e crianças por meio das ferramentas digitais.

Nesse momento de dispersões e desvios, este projeto de pesquisa também está se adaptando à essa nova realidade. Este texto descreve um pouco dos trânsitos e das inquietações iniciais de onde partimos e para onde pretendemos chegar.

Ressaltamos que as plataformas são locais de compartilhamentos e, nelas, a paisagem está sempre em movimento. A escolha por quais caminhos iremos percorrer nas próximas etapas terá implicações diretas nos resultados da pesquisa.

Seja bem-vindo/a à plataforma! O embarque é imediato!

## Notas

<sup>1</sup> “O sistema educacional brasileiro é dividido em Educação Básica e Ensino Superior. A Educação Básica, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – 9.394/96), passou a ser estruturada por etapas e modalidades de ensino, englobando a Educação Infantil, o Ensino Fundamental obrigatório de nove anos e o Ensino Médio” <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=618>>, acessado em setembro de 2019.

<sup>2</sup> De acordo com Connel (1995) “nessa narrativa, toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e das feminilidades, compreendidas como o oposto. A pressão em favor da conformidade vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia e, finalmente, dos empregadores. A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repressão de seus sentimentos. Esforçar-se de forma demasiadamente árdua para corresponder à norma masculina pode levar à violência ou à crise pessoal e a dificuldade nas relações com as mulheres” (1995, p. 190).

<sup>3</sup> Tradução livre de: “*The educational movement guided by both passion and principle to help students develop a consciousness of freedom, recognize authoritarian tendencies, empower the imagination, connect knowledge and truth to power, and learn to read both the word and the world*” (GIROUX, 2010, p. 298).

<sup>4</sup> Mesmo sabendo que “Ao mesmo tempo em que estamos imersos nas relações de gênero, também as produzimos e reproduzimos. Não somos receptores e expectadores inocentes que simplesmente herdamos, aderem ou assumem um gênero, mas, também construímos estratégias para continuar repetindo comportamentos específicos para homens e mulheres” (NUNES, 2014, p. 80).

<sup>5</sup> Referência ao livro “A invenção de Hugo Cabret”, do estadunidense Brian Selznick, publicada no ano de 2007. O livro conta a história do adolescente Hugo, na Paris de 1930. Ele cresceu na Estação Central de Paris, furtando pequenos objetos de lojas para reconstruir um autômato (homem mecânico) deixado por seu pai. Em um de seus furtos, Hugo é pego e obrigado a trabalhar em uma loja de brinquedos para pagar os furtos. Assim, Hugo conhece Isabelle, que o fará vivenciar inúmeras aventuras em busca do passado e do autoconhecimento.

<sup>6</sup> Fonte: website do Ministério da Saúde <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>>, acessado em junho de 2020.

## Referências

CONNELL, Robert W. **Políticas da Masculinidade**. 20(2): 185-206. Educação e Realidade. jul./dez. 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. vol.1., São Paulo, SP: Editora 24, 1995.

DIAS, B. (2011). **O I/MUNDO da Educação em Cultura Visual**. Brasília, DF, Brasil: Editora da pós-graduação da Universidade de Brasília.

EÇA, Teresa Torres. Perguntas no ar sobre metodologias de pesquisa em arte-educação. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia/** - Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013, pp. 71-82.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

ESTEBAN, Maria Paz Sadin (M. P. S.). **Pesquisa qualitativa em Educação: fundamentos e tradições**. 1. Ed. Porto Alegre, RS: AMGH, 2010, p. 268.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 20. ed., 1999.

GIROUX, H. Lessons from Paulo Freire. **Chronicle of Higher Education**. October 27, 2010.

HERNÁNDEZ, Fernando. ¿De qué hablamos cuando hablamos de cultura visual? **Educación e Realidade**, 30(2), pp. 9-34, 2005.

\_\_\_\_\_. **Catadores da Cultura Visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva; CAETANO, Marcio; GOULART, Treyce Ellen Silva. “Ele queria ser a Cinderela”: Construções queer à leitura das masculinidades no Ensino Fundamental. **Revista Periódicus**. Salvador, n.9, v.1, maio-out. 2018. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/issue/view/1651/showToc>>, acessado em junho de 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Corpos que escapam. **Labrys Estudos Feministas** (online). Brasília/Montreal/Paris, v.04, 2003.

NUNES, Luciana Borre. “Se a prova fosse sobre os rebeldes eu ia tirar 10!” **Culturas Visuais tramando masculinidades na escola**. (tese) 2014, FAV/UFG – PPGACV.

SELZNICK, Brian. **A Invenção de Hugo Cabret**. São Paulo: SM Editora, 2007.

### **Ítalo Augusto de Castro**

Discente (mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV/UFG), com a pesquisa “Construindo homens: masculinidades e subjetividades em jovens da educação básica a partir dos produtos visuais ofertados pelo Youtube”. Contato: italoaugust@discente.ufg.br.

### **Dra. Carla Luzia de Abreu**

É docente no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual e no curso de Licenciatura da Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG). Atualmente desenvolve estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com a pesquisa “Desobediências na Educação”. Contato: carlaabreu@ufg.br.